

PFL ainda busca um plano B

• A cúpula do PFL ainda não tem uma alternativa para o caso de Antonio Carlos ser cassado e não poder disputar o governo da Bahia ano que vem. Poderia investir para fortalecer a liderança de promessas, como a governadora Roseana Sarney (Maranhão) ou Jaime Lerner, governador do Paraná. Mas nenhum dos dois pode disputar a reeleição. Sem Antonio Carlos, o PFL fica sem um candidato com chances de vitória nos estados ano que vem.

Por isso, no início do escândalo do painel, setores da cúpula pefelista chegaram a ensaiar abandonar Antonio Carlos. Mas descobriram que o estrago seria maior sem ele. Agora o partido luta com unhas e dentes para salvá-lo.

— Os destinos do PFL e de Antonio Carlos estão completamente atrelados. Um precisa do outro para sobreviver — diz Roseana Sarney.

O PMDB também chega fraturado, devido ao sucesso da estratégia dos adversários de associá-lo à corrupção. Isso incomoda um grupo cada vez maior de peemedebistas. Uma parcela quer mudar essa situação afastando Jader da presidência do partido e outra imagina que fará isso apoiando a CPI da Corrupção. Mas o partido, reconhece os adversários, tem a seu favor a possibilidade de apoiar a candidatura de Itamar. Até mesmo seus adversários no partido já admitem apoiá-lo, desde que esteja disposto a absorver todos os grupos.

— O PMDB tem alternativa, tem o Itamar. Ele é um detergente, lava a

imagem do partido. É adversário de Jader e crítico do governo — diz o diretor-executivo do PFL, Saulo Queiroz.

A crise que tomou conta da base governista é comemorada pelo PT. Mesmo reconhecendo que a oposição tentará faturar a sucessão de escândalos, cientistas políticos recomendam cautela com a euforia. Aham que a crise não vai afetar tanto os partidos nas eleições, pois para eles as perdas políticas serão personalizadas.

— A opinião pública sabe discernir os partidos das pessoas. A única especulação válida é que o processo vai fragilizar politicamente os en-

volvidos — diz Marcus Figueiredo, do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio (Iuperj).

O cientista político Rubens Figueiredo, do Centro de Pesquisas e Comunicação de São Paulo, também considera que a oposição tem muito arsenal para explorar nos horários de propaganda eleitoral gratuita.

— Os acontecimentos no Senado vão render lucros para a oposição. Em qualquer pesquisa qualitativa feita hoje um dos primeiros itens citados é a moralidade — diz.

Mas para o líder do PSDB na Câmara, Jutahy Magalhães (BA), a continuidade do clima de escândalos

não favorece os partidos organizados, sejam de oposição ou de governo. Sua avaliação é que, mantida na agenda a crise ética, as próximas eleições serão levadas a uma grande dose de incerteza, na qual o imponderável pode prevalecer como em outros momentos da história:

— No Brasil, quando se cria um clima de mar de lama, quem lucra são os voluntaristas e aventureiros. Foi assim com Carlos Lacerda em 1954, que levou ao suicídio do Getúlio Vargas, com Jânio Quadros em 60 e com Fernando Collor em 89. ■

(*) Do Globo On Line